

VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA NO TRABALHO COM O GÊNERO LENDA NA ESCOLA DO CAMPO

TEACHER'S EXPERIENCE OF WORKING WITH DISCOURSE GENRE FOLKTALE AT A COUNTRY-SIDE SCHOOL

Egly Sterfane da Silva Borges **1**
Ângela Francine Fuza **2**

Resumo: Este estudo objetiva apresentar vivências de uma professora, em oficinas de "lendas", no 7º ano, de uma escola do campo, contribuindo com reflexões sobre o planejamento e a execução das aulas. O trabalho pauta-se na concepção interacionista de linguagem, com foco nos gêneros discursivos. O planejamento das oficinas se fundamentou no método sociológico de análise da língua, tratando das dimensões social e verbal do gênero. Os resultados apontam que a metodologia de trabalho possibilitou à professora refletir e organizar a sua prática à luz de teorias consistentes sobre gêneros discursivos, reforçando a importância do planejamento escolar. Aos alunos, possibilitou, de forma geral, (1) conhecer as condições de produção do texto, (2) reconhecê-lo dentre gêneros da esfera literária; (3) compreender sua forma composicional e (4) analisar seus recursos linguísticos. Dessa forma, as vivências retratadas reforçam a importância de o professor conceber a reflexão como meio para revisão de suas práticas, ressignificando-as.

Palavras-chave: Vivências. Professora. Lenda. Ensino Fundamental.

Abstract: This study aims at presenting teacher's experience of folktale workshops held for 7th grade students at a country-side school, while also making a contribution towards lesson planning and teaching. Research was developed from an interactionist language perspective, with focus on discourse genres. Lesson planning was based on the sociological method for linguistic analysis, which deals with both social and verbal dimensions of genre. Results reveal the working methods allowed the teacher to reflect on and organize her practice in light of solid theories about discourse genres, thus strengthening the importance of school planning. As for students, in general terms, they were allowed to (1) be familiar with conditions of production of the text; (2) acknowledge it as a genre that belongs to the literary sphere; (3) understand its compositional structure; and (4) analyze the text linguistic resources. Therefore, experience reported herein strengthens the importance of teachers thinking of reflection as means to review and, consequently, resignify their practice.

Keywords: Experience. Teacher. Folktale. Elementary School.

Graduada em Letras, na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

E-mail: sterfane.borges@gmail.com **1**

Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp/Bolsista CNPq).

Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/Mestrado) e da graduação em Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: angelafuza@uft.edu.br **2**

Introdução

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 2004, p. 142).

O ensino de língua portuguesa compreende que a língua faz parte da construção humana e social, assim, é preciso conhecer as diversas práticas de linguagens presentes na sociedade. O desafio maior dos professores de Língua Portuguesa é refletir sobre as práticas de ensino, buscando ressignificar os conhecimentos teóricos e práticos, em relação às práticas em sala de aula.

Neste texto, apresentamos vivências de uma professora, na turma do 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola do campo, da região de Porto Nacional, a fim de contribuir com impressões e discussões sobre o trabalho com a leitura e a produção de lendas em sala de aula.

Para a reflexão sobre as práticas, realizadas no contexto escolar, pautamo-nos na concepção interacionista de linguagem com foco no trabalho com os gêneros discursivos. Sendo assim, a fim de suscitar discussões, apresentamos, neste texto, o planejamento elaborado para as oficinas com a lenda, que foi ancorado no método sociológico para o estudo do enunciado, à luz dos estudos de Bakhtin (2003[1953]), Bakhtin/Volochinov (1992[1929]), e de pesquisadoras, como Ritter (2016) e Rodrigues (2005). Estas depreendem dois momentos no estudo do gênero: (1) estudo da dimensão social do gênero e (2) estudo da dimensão verbal do gênero.

Na seção, “O contexto da escola-campo e o planejamento das oficinas”, há o delineamento do planejamento das oficinas, haja vista que, como professoras, o trabalho com o método sociológico da língua se configurou como mais uma possibilidade metodológica de trabalho com gêneros em sala de aula. Concordamos com Hila (2009, p. 151), quando afirma que inúmeros estudos apontam “o desconhecimento de professores em formação e em serviço a respeito das bases teóricas acerca dos gêneros textuais, o que explica, em parte, a dificuldade desses professores repensarem a[s] aula[s] [...]”. Diante disso, as vivências, aqui, relatadas, podem, de certa forma, auxiliar docentes e futuros docentes a entender o processo de trabalho com os gêneros, levando-os a novas reflexões, ressignificando a sua prática, olhando o outro de si mesmo (BAKHTIN, 2003[1953]).

A convite da escola do campo e, em diálogo com a professora da turma, selecionamos a lenda para o trabalho, tendo em vista que trata de aspectos culturais, voltados à comunidade e às histórias de vida dos alunos. Ademais, na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), em umas das habilidades de 6º e 7º anos, menciona-se: “Ler, de forma autônoma, e compreender [...] lendas brasileiras, indígenas e africanas [...] expressando avaliação sobre o texto lido” (BRASIL, 2017, p. 167). Desse modo, a lenda é um gênero a ser contemplado em sala de aula, contribuindo para o resgate de vivências da comunidade.

Este texto apresenta, além desta Introdução, a seção teórica sobre o método sociológico de análise da língua. Em seguida, apresenta a seção metodológica, que apresenta a escola do campo e o planejamento das aulas. Na sequência, analisam-se algumas práticas realizadas em sala de aula e, por fim, destacam-se reflexões (in)conclusivas sobre as sobre(vivências) da professora.

Método sociológico de análise da língua

As propostas oficiais para educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), abordam o ensino de língua portuguesa perpassado por fatores enunciativos, relacionados às práticas da linguagem, buscando-se o elo entre o ensino gramatical e os usos, já que se considera a linguagem como “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

O ensino e a aprendizagem de língua portuguesa não podem deixar de considerar a natureza sócio histórica da língua, seu caráter interativo e o seu meio de produção. A análise linguística e as práticas de leitura e a produção de texto devem ser articuladas, uma vez que são organizadas e produzidas de acordo com os gêneros discursivos e as situações específicas de enunciação.

Nota-se que muitos professores de Língua Portuguesa sentem dificuldades para trabalhar com gêneros discursivos de modo a considerar o contexto de produção, assim como, hoje, propõe a BNCC (BRASIL, 2017):

O texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que **circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem**. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de **participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas** (BRASIL, 2017, p. 65, grifos nossos).

O ensino de língua portuguesa deva contemplar o caráter sócio-histórico da própria língua, articulando-se as práticas de linguagem, “reconhecendo-se que os textos são organizados e produzidos de acordo com os gêneros discursivos a que pertencem e visam às situações de enunciações específicas” (RITTER, 2016, p. 58).

Ao considerar o texto como enunciado concreto, produzido por meio das interações sociais (BAKHNTIN, 2003[1953]), voltamo-nos aos estudos de Bakhtin/Volochinov (1992[1929]) que tratam do método sociológico de análise da língua que apresenta a seguinte ordem:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinada intenção verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHNTIN/VOLOCHINOV, 1992[1929], p.124).

A partir dessa ordem, podem ser observadas categorias essenciais da enunciação bakhtiniana. Em (1), há a presença do contexto sócio-histórico, ou se pensarmos no gênero discursivo, temos a sua caracterização em uma situação concreta; em (2) o gênero visto nas especificidades de seu entorno e, em (3), o sistema linguístico ou o trabalho com a língua naquilo que é representativo do gênero.

É, a partir disso, que Rojo (2005, p. 199) afirma que

Aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros discursivos partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação comunicativa [...] e, a partir dessa análise buscarão as marcas linguística (forma do texto [...] composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p.199).

Ao considerar o trabalho com o contexto social de produção e utilização dos gêneros, assim como com seus aspectos verbais, Ritter (2016) e Rodrigues (2005), analisaram os gêneros crônica e artigo, respectivamente, baseando-se no método sociológico para o estudo do enunciado, à luz dos estudos de Bakhtin. De forma geral, depreendem-se dois momentos no estudo do gênero: (1) “estudo da esfera comunicativa, observando-se o modo de constituição e de funcionamento do gênero em estudo”; (2) estudo do gênero em si, por meio da análise de suas dimensões social e verbal (RITTER, 2016, p. 61).

A título de exemplificação, destacamos uma síntese do trabalho de Ritter (2016) com o gênero crônica, realizado com professores do ensino básico. Foram selecionadas as crônicas de Luís

Fernando Veríssimo (LFV) e Moacyr Scliar, uma vez que algumas crônicas dos dois autores eram conhecidas pelos alunos, pois circulavam em livros didáticos e pelas as crônicas de ambos serem publicadas em jornais, portando de esfera jornalística.

A dimensão social da crônica, objetivou orientar os professores na produção de comandos das atividades priorizando os papéis sociais dos interlocutores, a finalidade do gênero na situação comunicativa, o local de circulação e o horizonte temático. Dessa forma, foram organizados três quadros comparativos para uso dos professores; o primeiro era de reconhecimento do gênero, uma vez que, por meio de leituras entre textos de gêneros diferentes, os alunos preencheriam o quadro à medida que os textos fossem lidos e discutidos, respondendo às perguntas:

Qual é o tema desses textos? Onde esses textos podem circular? Qual a camada social tem acesso mais fácil a esses textos? Para quem esses textos são produzidos? Quais os objetivos da interação estabelecida por cada texto? Para que uma pessoa pode querer ler esses textos? Quais desses textos tem um tom mais sério e quais deles tem um tom mais descontraído? Quem pode escrever esse tipo de gênero? (RITTER, 2016, p. 73).

E, por fim, classificar os textos de acordo os gêneros dispostos. Essa primeira abordagem é para auxiliar o aluno a respeito da caracterização do gênero escolhido e do seu funcionamento sociodiscursivo.

No segundo quadro, as atividades são sobre as esferas de circulação da crônica. Nessa etapa, o objetivo é abordar a relação entre a esfera jornalística e a função sociocomunicativa do gênero. O papel dos professores, nessa etapa, é levar os alunos a perceberem os elementos que proporcionam as condições de produção, indicando sua ancoragem ideológica, sua temática e sua finalidade de interação. O quadro é composto pelas perguntas:

Por que um leitor de jornais lê crônicas? Todos os jornais publicam crônicas? Em que seção dos jornais a crônica pode ser veiculada? Qual o objetivo de um jornal publicar crônicas? Como podemos definir o gênero crônicas? [...] (RITTER, 2016, p. 75).

Assim, o trabalho foi orientado buscando desenvolver a mediação da construção dos conhecimentos dos alunos, que foram desafiados a produzir uma crônica, considerando os elementos de construção do gênero. Por fim, a última proposta pedagógica, para a dimensão social, foi a leitura analítica do gênero, que se utilizou de textos publicados em jornais, para desenvolver uma discussão oral coletiva, analisando as crônicas a partir dos questionamentos:

Quem escreve? Para quem escreve? Para quais veículos de comunicação? Em quais aspectos esse meio de veiculação pode caracterizar a crônica. Os textos apresentam ilustrações? Esses textos não-verbais funcionam do mesmo jeito na produção das duas crônicas? Em qual dia da semana a crônica é veiculada nesses jornais? Isso pode interferir na produção e na leitura do texto? Como? Qual o objetivo das crônicas? Sobre o que tratam as crônicas? (RITTER, 2016, p. 77).

Desenvolvidas as atividades de leitura analítica, abre-se o planejamento para a abordagem da dimensão verbal do gênero crônica. Foi solicitado, ao grupo de professores, que produzissem cinco comandos de exercícios para a exploração do gênero; a partir dos exercícios, percebeu-se a ausência de perguntas que levassem os alunos a refletirem sobre as relações dialógicas com os elos anteriores e posteriores que pudessem colaborar para a leitura crítica. Assim, buscando atender as categorias teórico-metodologias bakhtiniana foi produzida uma sequência de atividades de leitura e análise linguística.

A produção de atividades, abrangendo a dimensão social e verbal do gênero, permite que o aluno compreenda a prática de leitura em sala de aula pelo método dialógico, em que há trocas de

conhecimento entre professores e alunos, mas também relacione as questões temáticas à análise textual, promovendo apropriação sobre a estrutura composicional do texto, colaborando com o desenvolvimento de suas produções textuais.

O contexto da escola-campo e o planejamento das oficinas

Baseando-se nas necessidades do ensino de língua portuguesa e no método sociológico discutido, apresentamos as atividades desenvolvidas numa escola do campo, do município de Porto Nacional. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), ela possui propriedade com cerca de 31 hectares e atende cerca de vinte e três municípios, cinquenta e duas comunidades camponesas e trinta e cinco associações de agricultores. É uma escola pioneira no estado do Tocantins, de iniciativa não governamental que surgiu para auxiliar a carência de oferta educacional pelo poder público no município.

A escola rural atende filhos e filhas de agricultores, que estão cursando do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária, Agroecologia, Agroindústria e Ensino Médio na modalidade Normal. Possui cerca de 400 estudantes matriculados.

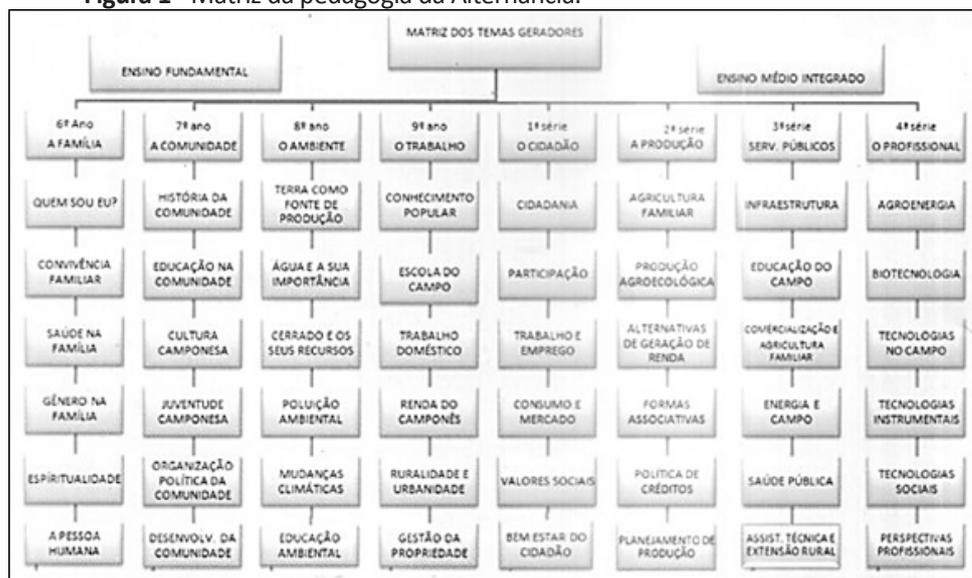
Na escola, trabalha-se a pedagogia da Alternância,

processo metodológico de ensino aprendizagem que compreende tempos, espaços e formadores diferentes. A mesma consiste em períodos de formação no centro de Educação Familiar de Formação por Alternância – CEFFA [...] alternado semanalmente com períodos de formação no meio familiar, profissional e comunitário [...] (ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA, s/a, *online*).

Na metodologia da escola do campo, os alunos do 6º ao 9º ano possuem uma carga de 4160 horas, sendo aproximadamente 70% dessa carga horária desenvolvida no espaço educativo e 30% no espaço familiar e comunitário. Ou seja, o processo formativo dos alunos intercala os estudos na unidade escolar com as práticas fora da escola geralmente ocorridas dentro do grupo familiar.

As atividades das disciplinas são organizadas por bimestres, sendo norteada por um tema central e um tema gerador¹ (Cf. Figura 1):

Figura 1 - Matriz da pedagogia da Alternância.



Fonte: <http://efaportonacional.com.br/proposta-pedagogica/pedagogia-da-alternancia/>

¹ Os temas geradores advêm de pesquisa locais e se constituem em temas profissionais que, junto das disciplinas de núcleo-comum, constituem a Matriz Curricular; devem ser o ponto de partida para o estudo da realidade, através de pesquisa na comunidade e do aprofundamento na escola (PASSOS, 2011).

No caso do 7º ano, turma que nos foi cedida para as aulas, o tema central era “A comunidade” e o tema gerador era “Cultura camponesa”. Diante disso, e, em função do diálogo com a professora da turma, as dez oficinas foram planejadas e desenvolvidas com foco em: “Lenda: registros da cultura de onde se vive”. As oficinas foram aplicadas nos períodos matutino e vespertino, para 18 alunos. As aulas seguiram o seguinte planejamento:

Quadro 1. Sequência das atividades ministradas para o gênero lenda.

	AULAS	ATIVIDADES
Dimensão social do gênero?	1	<ul style="list-style-type: none"> • Espalhamos pelo chão figuras de lendas folclóricas e pedimos para cada aluno escolher uma figura e contar a história. • Levantamos os conhecimentos dos alunos sobre lendas, por meio de questionamentos. • Questionamentos: esses tipos de histórias circulam? Quem são os autores? Qual o objetivo e a importância desse tipo de texto?
	2	<ul style="list-style-type: none"> • Dispomos algumas figuras, histórias e conceitos dos gêneros: lenda, mito e fábula. • Dividimos a turma em grupos para que relacionassem cada figura com sua história e seu gênero, identificando as diferenças. • Montamos um cartaz com a imagem dos gêneros, junto as suas histórias e características, sendo o mito, a fábula e a lenda, havendo a socialização.
	3	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhamos a música: “Lendas e mistérios”, incentivando os alunos a comentarem o título da música, associando-a às características do gênero lenda.
	4	<ul style="list-style-type: none"> • Relemos e discutimos a lenda do Saci, em diálogo com uma charge sobre as eleições, que incluía os personagens Mula Sem Cabeça e o Saci.
	5	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciamos a escrita de lendas no caderno, pedindo para que eles escrevessem alguma lenda de sua comunidade. • Socializamos os textos.
	6	<ul style="list-style-type: none"> • Focamos em lendas do Tocantins e da região norte, contando-as aos alunos: “A cachoeira da velha”, “As rezadeiras de Natal” etc. • Realizamos questionamentos orais sobre elas, como: Essas histórias são consideradas lendas? O que as tornam lendas? Quem conhecia alguma das lendas contadas? De onde vocês acham que surgem essas histórias? Além das lendas brasileiras (Saci, Iara, boto, etc.), alguém já viu as lendas tocantinenses escritas em algum lugar? Se nunca as viram escritas em algum lugar, como é possível saber de sua existência? Qual o tema das histórias? Onde se passa toda a trama?
Dimensão verbal do gênero	7	<ul style="list-style-type: none"> • Ornamentamos um guarda-chuva com algumas lendas, localizado no centro da sala, e os alunos puderam ler e reler algumas histórias. • Dispomos algumas fichas sobre a forma de composição das lendas lidas e eles deveriam responder: personagem; tempo - presente, passado e futuro, dia, noite; e espaço: floresta, vila, bairro, cidade, etc. • Debates sobre a forma de composição da lenda e o discurso da narrativa.
	8	<ul style="list-style-type: none"> • Em duplas, escolheram uma das lendas para responderem um exercício no caderno sobre a composição e o tempo verbal empregado: “Em que tempo acontece a história que escolheram? (passado, presente ou futuro). Circule e pinte no texto os verbos. As palavras circuladas indicam quais personagens na história e o que elas fazem?”
	9	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitamos, para o trabalho com a oralidade, que os alunos selecionassem alguma lenda que desejassem recontar. • Propusemos a fabricação dos fantoches dos personagens e a elaboração de um roteiro da história a ser contada, para futura apresentação.
	10	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do teatro e socialização das dúvidas e sentimentos pelas aulas sobre o gênero lenda.

Fonte: elaborado pelas autoras.

As aulas de 1 a 6 contemplaram a dimensão social do gênero, ou seja, atividades que focaram no trabalho com as condições de produção de lendas, com o reconhecimento dos gêneros, como lenda, mito e fábula etc. Em diálogo com essas práticas, há as aulas com foco maior no aspecto verbal, de 7 a 10, tratando da forma de composição do texto, emprego dos tempos verbais, até chegar à produção do texto pelos alunos.

Na seção seguinte, destacamos algumas práticas realizadas com o gênero em sala de aula, destacando como foram as atividades e discutindo seus efeitos para o ensino e aprendizagem dos alunos. Em função do espaço para o texto, destacaremos duas atividades voltadas à dimensão social do gênero e outras sobre a dimensão verbal.

A prática em sala de aula: trabalho com as dimensões do gênero

Para o desenvolvimento das atividades, partimos das diretrizes sociológicas (Cf. seção anterior). As atividades abrangeram (1) a dimensão social – reconhecimento do gênero, caracterização da esfera de circulação e estudo da dimensão social.

A atividade da primeira aula foi espalhar figuras representativas de lendas folclóricas no chão: Saci, Curupira, Mula Sem Cabeça, Iara, O Guaraná, Lobisomem, Boitatá e o Boto Rosa e pedimos para que cada aluno escolhesse uma figura para, em seguida, contar a história.

Figura 2 - Escolha das figuras das lendas pelos alunos.



Fonte: Borges e Fuza, 2018.

Questionamos se os alunos já conheciam as lendas das imagens e como as conheceram, eles foram dizendo que conheciam dos livros, da TV, através do programa “Sítio do Pica Pau Amarelo” e alguns ouviram dos avós. Essa primeira atividade possibilitou a ativação do conhecimento prévio, por meio do movimento dialógico, ou seja, da mediação entre professores e alunos.

Outra atividade realizada foi a de reconhecimento de gêneros, ou seja, dispomos algumas figuras do gênero lenda (texto 1), mito (texto 2) e fábula (texto 3), bem como as histórias impressas e os conceitos de cada gênero. Enquanto os alunos escolhiam as figuras dos gêneros, associando-as com as histórias e os conceitos, puderam fazer o reconhecimento das diferenças por meio da comparação entre os gêneros dispostos: lenda, mito e fábula. As atividades para responderem tratavam de aspectos gerais dos gêneros, assim como das condições de produção:

Texto 1 – Saci-Pererê

O Saci-Pererê vive escondido pelas florestas, para assustar os destruidores da natureza. Seu maior ofício é assombrar esses homens, para que nunca mais voltem ao lugar e parem de degradar o meio ambiente.

Para que não seja pego, se esconde dentro dos redemoinhos, fugindo dos homens maus. Mas esse moleque, negrinho, não consegue ficar quieto, apronta muitas “artes”. Ao entrar em nossas casas, assusta as pessoas, esconde objetos e apronta a maior bagunça.

Quando procuramos alguma coisa e não encontramos, dizemos que foi arte do Saci-Pererê, que escondeu o objeto perdido.

A carapuça do Saci lhe dá poderes mágicos. Pode desaparecer de um lugar, faz desaparecer objetos, prende as pessoas, derruba água, faz uma chama de fogão se acender sozinha, etc. Quando alguém consegue tirá-la de sua cabeça, o negrinho fica sob o domínio dessa pessoa. Mas ele é muito esperto e rouba o gorro de volta.

Texto 2 - Zeus

Zeus foi o último filho dos titãs Cronos e Réia, e se salvou de ser engolido por seu pai, que devorava seus filhos para que nenhum deles pudesse tomar seu lugar. O deus do trovão foi criado longe do Olimpo, e quando cresceu ele enfrentou seu pai, obrigando-o a tomar uma bebida mágica e fazendo com que todos os seus irmãos que foram devorados voltassem a vida. Assim ele conheceu Deméter, Poseidon, Héstia e Hades. Sua outra irmã, Hera, também havia conseguido escapar de seu pai. Zeus também liberou os irmãos de Cronos, que foram presos por ele, e em troca, recebeu o raio que se tornou sua arma. A guerra entre Zeus e seu pai durou dez anos, até que ele, junto com seus irmãos Poseidon e Hades, subiram ao Olimpo e destruíram Cronos. Zeus compartilhou com seus irmãos Hades e Poseidon o domínio do mundo, e cada um se tornou um governante. Zeus tornou-se o rei do Olimpo, governante do céu e do ar, Hades se tornou governante do reino dos mortos e Poseidon tornou-se governante das águas. Além de controlar o tempo, e ser o deus dos raios e trovões tinha diversos outros poderes.

Texto 3 - A formiga e a cigarra

A cada bela estação uma formiga incansável levava para sua casa os mais abundantes mantimentos: quando chegou o inverno, estava farta. Uma cigarra, que todo o verão levava a cantar, achou-se então na maior miséria. Quase a morrer de fome, veio esta, de mãos postas, suplicar à formiga lhe emprestasse um pouco do que lhe sobrava, prometendo pagar-lhe com o juro que quisesse. A formiga, que não é de gênio emprestador; perguntou-lhe, pois, o que fizera no verão que não se precavera.

— No verão, cantei o calor não me deixou trabalhar.

— Cantastes! Tornou a formiga; pois agora dança.

MORAL DA HISTÓRIA: Trabalhem para nos livrarmos do suplício da cigarra, e não aturarmos a zombaria das formigas.

Trabalho com os textos

1. Sobre o texto 1:

- a) Quais as travessuras do Saci?
- b) Por que o Saci tinha um comportamento travesso?
- c) Você concorda com essas travessuras? Por quê?
- d) Descreva as características do Saci e do lugar onde morava.

2. Sobre o texto 2:
 - a) Quais os personagens da história?
 - b) Como Zeus se tornou o rei do Olimpo?
 - c) O domínio do mundo ficou nas mãos de quem, segundo o texto?
 - d) Se você pudesse governar uma parte do mundo, qual você escolheria e por que?

3. Sobre o texto 3:
 - a) Os personagens da história são representados por dois insetos, quais?
 - b) De acordo com o texto quem se preparou para a chegada do inverno?
 - c) Provavelmente, qual a profissão da cigarra?
 - d) Você concorda com as atitudes da formiga? Por quê?

4. Após a leitura dos textos, complete as informações:

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3
a) Tema do texto?			
b) Finalidade do texto?			
c) Onde circula o texto?			
d) Quem escreve o texto?			
e) Para quem escreve o texto?			

5. Quais as semelhanças e diferenças entre os textos 1, 2 e 3?
6. A partir da leitura dos textos, estabeleça relação entre o texto e sua definição:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

() A fábula é uma narrativa curta, em prosa ou verso, com personagens animais que agem como seres humanos, e que ilustra um preceito moral.

() **Mito** são **narrativas** utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar **fatos da realidade e fenômenos da natureza**, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis.

() Lenda é uma **narrativa transmitida oralmente pelas pessoas**, visando explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos reais, com imaginários ou fantasiosos, e que vão se modificando através do imaginário popular.

Ao promover as atividades, abordamos a reflexão sobre a esfera de produção do gênero que visa à prática da oralidade, uma vez que o gênero lenda revela aspectos sociais da comunidade, tais como: valores, crenças, medos etc. Assim, a medida em que os alunos participavam da atividade, respondendo às perguntas, construíam seu próprio conceito a respeito da caracterização do gênero, identificando seus aspectos da dimensão social.

A participação na atividade permitiu que os alunos identificassem que a lenda não tem um autor definido, que as histórias são produzidas coletivamente pelas comunidades falantes, que o gênero sofre alterações por ser oral e que o objetivo está ancorado à explicação misteriosa de alguns fatos. Pelas lendas do folclore brasileiro, os alunos perceberam a diversidade dos temas presentes no gênero.

A atividade gerou também discussão coletiva sobre as principais diferenças e semelhanças entre os gêneros lenda, mito e fábula, uma vez que pertencem ao campo literário, por meio da mediação da leitura e da interpretação da funcionalidade de cada um dos gêneros citados. Conforme Ritter (2016), a função do professor, na dimensão social, é levar os alunos a perceberem que os

elementos do gênero estão relacionados ao lugar da sua ancoragem ideológica, ou seja, a partir do momento em que os alunos começaram a participar das atividades propostas, identificaram o suporte de circulação da lenda, o objetivo e as condições de sua produção. As respostas às questões foram sendo inseridas em um cartaz pelos alunos, fazendo com que, ao final, visualizassem as condições de produção dos diferentes gêneros, focalizando, na sequência, a lenda.

Após a identificação de cada gênero: lenda, mito e fábula, percebeu-se que os alunos tiveram condições de fazer uma leitura mais analítica das características da lenda, retomando seus elementos composicionais. Essa proposta pedagógica da prática de leitura analítica do gênero, segundo Ritter (2016), tem o intuito de colaborar para a abordagem da dimensão verbal, uma vez que o uso do recurso linguístico-enunciativo, articulado ao movimento dialógico, proporciona a elaboração de didáticas mediadas pela análise linguística, para compreender o estudo da língua e seu funcionamento sociodiscursivo, refletindo o uso particular de alguns recursos linguísticos.

Para iniciarmos o trabalho com a dimensão verbal, destacamos a atividade proposta com as lendas em guarda-chuvas, previamente colocados na sala. Os alunos andaram pela sala lendo as histórias. Após realizarem o proposto, explicamos a atividade do guarda-chuva (Cf. Figura 3).

Figura 3 - Lendas no guarda-chuva.



Fonte: Borges e Fuza, 2018.

A fim de possibilitar o estudo da forma de composição do gênero, optamos por preparar algumas fichas que delimitavam aspectos, como: personagem; tempo (presente, passado e futuro, dia, noite); espaço (floresta, vila, bairro, cidade etc.) das lendas presentes no guarda-chuva. Os alunos, um a um, foram pegando as fichas e colando-as nas histórias. Solicitamos, em seguida, que a turma verificasse as fichas para concordar ou não com o que foi feito. Dessa maneira, discutimos com os alunos sobre o tempo e o espaço de uma narrativa, os discentes conseguiram assimilar e comparar com outras atividades que já haviam realizado anteriormente.

Tendo em vista a compreensão de que a lenda é um texto delimitado por sequências narrativas, decidimos propor aos alunos atividade mais pontual com os verbos das lendas, levando-os a perceber que, a partir do tema e da valoração que esse tema recebe pelo leitor, influenciadas pelas questões ideológicas do momento histórico em que o texto é produzido, os recursos estilísticos e composicionais se organizam no enunciado (BAKHTIN, 2003[1953]).

Em decorrência da sequência da narração nas lendas, o texto se constitui por meio do uso do tempo verbal no pretérito (imperfeito e perfeito). Pedimos aos alunos para reler as lendas e buscar observar o tempo narrado, além de apontar as seguintes questões:

1. Por que vocês escolheram essa lenda?
2. O que entenderam da lenda que escolheram?
3. Circule e pinte no texto os verbos.
4. As palavras circuladas indicam quais personagens na história e o que elas fazem?

5. A partir das palavras pintadas no texto, identifique se a história acontece no presente ou no passado.

Ao finalizarem as atividades, promovemos uma discussão, solicitando que cada aluno compartilhasse suas respostas, de modo a fazer com que refletissem sobre o emprego linguístico de termos no texto e sua função para a constituição do todo textual.

Sobre(vivências) da professora: algumas considerações (in) conclusivas

Neste texto, procuramos apresentar de que modo se deu o trabalho com o gênero lenda, por meio das estratégias teórico-metodológicas bakhtinianas, focadas na dimensão social e verbal do gênero. Foi aplicada uma sequência de atividades (Cf. Quadro 1) que permitiu o envolvimento do aluno na prática pedagógica, em relação à funcionalidade do gênero disposto no planejamento.

Durante a sequência de atividades aplicadas na escola campo, observamos que a escolha do trabalho com a lenda foi acertada, haja vista que se trata de texto rico em aspectos culturais, voltados à comunidade e às histórias de vida de cada um. Sendo assim, “a lenda é uma narrativa que explica ao homem muito da sua vida, da natureza, da história da qual faz parte” (SILVA, 2018, p. 98). O fato de termos como tema das aulas “A comunidade” possibilitou, realmente, levar os alunos a retomar histórias, rememorar lendas ouvidas e recontá-las aos colegas, em um momento de partilha e diálogo.

Tendo em vista a ampla gama de materiais consultados, deparamo-nos com muitos questionamentos sobre como elaborar o conjunto de oficinas. Dessa forma, o fato de planejá-las (Cf. Quadro 1), fez-nos perceber a importância desse momento para a prática do professor. O aporte teórico-metodológico, encontrado no método sociológico de estudo da língua, foi fundamental nesse processo também, uma vez que o trabalho com os gêneros, no contexto escolar, deve refletir e englobar o estudo de seus elementos (tema, forma e estilo), no todo, não privilegiando apenas um deles, haja vista que o aluno deve ter a compreensão global do gênero.

A realização do trabalho com as dimensões social e verbal da lenda teve como foco maior fazer com que os alunos se identificassem com o texto, por meio de práticas voltadas ao diálogo, ao trabalho em grupo etc. Ressalta-se que as etapas que organizaram o processo de trabalho em sala, destacadas principalmente no Quadro 1, não devem ser tratadas de forma estanque, de maneira que, cumprida uma delas, não seja mais retomada. Ao contrário, elas estão interligadas e podem ser retomadas para que haja compreensão do gênero, em sua amplitude. Ao trabalhar com os aspectos estilísticos do texto, como o emprego dos verbos, percebemos a importância de retomar as condições de produção, por exemplo. A ação do professor “ao fazer esse entrelace [entre as etapas da aula], possibilita que se ultrapasse o conceito cristalizado de caminhos e respostas únicas, e se conceba o conhecimento em constante movimento, evolução, mudança” (COSTA-HÜBES; SIMINIONI, 2014, p. 38).

Desse modo, as atividades, apresentadas na seção anterior, representaram momentos positivos no trabalho com o gênero, possibilitando ao aluno, quanto à dimensão social: (1) conhecer as condições de produção do texto, (2) reconhecê-lo dentre outros gêneros da esfera literária; e quanto à dimensão verbal: (3) compreender a forma de composição da lenda e (4) analisar o emprego dos recursos linguísticos, como os verbos, para sua constituição.

Ao retomar os dizeres de Paulo Freire (2004, 142), de que “ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura”, acreditamos que reflexões sobre a prática desempenhada devem ser realizadas, demarcando-se limitações e necessidades de resignificar a prática docente. Por exemplo, quanto à prática da escrita das lendas, os alunos deveriam ter tido mais tempo para planejá-las e, também, para revisá-las. Ao considerar a produção de textos (escrito e oral) como um processo, é fundamental que as fases de planejar, escrever e reescrever sejam contempladas. Por se tratar de gênero oral, poder-se-ia propor aos alunos a elaboração, ao menos, de um roteiro das lendas, para posterior exposição, havendo a mediação do professor nesse momento e, também, no momento da apresentação da história.

Os desafios, em sala de aula, sobre o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa

ultrapassam questões no que diz respeito às competências e habilidades no processo de leitura e de escrita. Existem outros fatores que provocam o desinteresse do aluno, principalmente, quanto às metodologias empregadas na escola. Por isso, é relevante que professores sempre revisitem as suas práticas, ressignificando-as, dando sentido à vivência dos alunos no ambiente escolar, conhecendo e valorizando suas diferenças.

A elaboração e a aplicação da sequência de atividades nos despertaram para as necessidades de discussões alicerçadas no processo teórico-metodológico sobre as propostas pedagógicas, voltadas para as práticas de leitura, de produção de texto e de análise linguística, a fim de que as atividades sejam elaboradas de forma mais dialógicas, na tentativa de auxiliar discentes e docentes na construção do saber significativo.

Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

_____; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. (Versão dezembro 2017) Brasília: MEC, 2017.

BRASIL, S. E. F. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA-HÜBES, T. C. C.; SIMIONI, C. A. Sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. São Paulo: Pontes, 2014, p. 15-39.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA. Pedagogia da Alternância. Disponível em: <http://efaportonacional.com.br/proposta-pedagogica/pedagogia-da-alternancia/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HILA, C. V. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In: NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais**: da didática da língua aos objetos de ensino. São Carlos (SP): Claraluz: 2009, p.151-194.

PASSOS, M. G. S. **Pedagogia da Alternância: caminho possível para a formação e valorização dos sujeitos sociais do campo nos cursos do IFAM/Campus Manaus Zona Leste**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2011.

PPP - **Projeto Político Pedagógico** – Escola Família Agrícola, s/a (documento de circulação no contexto escolar).

RITTER, L. C. B. Prática de leitura e de análise linguística: modos de ensinar e de aprender. In:

PERFEITO, A.M.; KRAEMER, M.A. D. (orgs.). **Gêneros discursivos**: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas lingüísticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 57-92.
ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.;

BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola,

2005, p. 184-293.

SILVA, A. M. O gênero lenda: registros da cultura e memória da região onde vive. In: OHUSCHI, M.

C. G. **Projetos de leitura e escrita**: possibilidades de trabalho com a língua portuguesa no ensino fundamental. São Paulo: Pontes, 2018, p. 97-108.

Recebido em 30 de janeiro de 2019.

Aceito em 10 de junho de 2019.